



O USO DE PLATAFORMAS VIRTUAIS PARA DIALOGAR SOBRE A EDUCAÇÃO SEXUAL, UMA OPÇÃO VIÁVEL EM TEMPOS DE PANDEMIA

Camila Gomes Krupp¹
Mariane Paludette Dorneles²

RESUMO

Sabendo da importância da educação sexual para uma vida adulta saudável apresentamos parte dos resultados do trabalho de conclusão do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas. O trabalho foi planejado para ocorrer em espaços não formais de educação, onde seriam abordados assuntos importantes dentro da educação sexual com crianças em estado de vulnerabilidade social. Mas com a ocorrência de uma pandemia e o fechamento dos espaços públicos foi preciso repensar e readaptar o projeto. Assim surgiu a proposta audiovisual, construindo uma página pública na rede social do Instagram. Usando sua potência para a visibilidade dos estudos científicos, o debate sobre a educação afetivo-sexual.

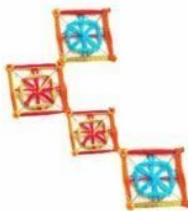
Palavras-chave: Educação Sexual, Ciências Biológicas, Instagram, Rede Social, Debate.

INTRODUÇÃO

A LDBEN (Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), em 1996, conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais, arrola sobre indicações de trabalhos com o assunto de orientação sexual, dentro dos chamados Temas Transversais, segundo o MEC, é imprescindível que o educador tenha como aferir de maneira específica sobre sexualidade com crianças e jovens. Todavia, identificamos a primeira tribulação neste

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas do Centro Universitário Ritter dos Reis (Uniritter) kruppgomes25@gmail.com

² Professora orientadora: Doutora em Botânica pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) - RS, marianepd@hotmail.com.

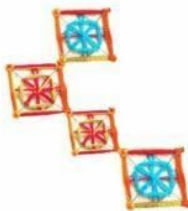


setor educativo, os educadores encontram dificuldades em abordar este tema, bem como um contexto social provinciano e equivocado. Crianças e jovens experimentam diversas sensações, vivências e reflexos sociais, o desenvolvimento social implica na capacidade de suprir as necessidades da geração atual sem comprometer as gerações futuras, contemplando-as. (SPAZIANI, 2015).

Compreendendo esta linha da sociologia, filosofia e da psicologia (FORASTIERI, 2006), a educação aplicada à saúde ramificou-se para a Educação Sexual a partir da década de 70, onde até então se existia uma grande reluta sobre assuntos que abordassem a sexualidade dos jovens, tanto por parte da família, quanto no âmbito escolar. Entretanto, nesta década houve uma incidência histórica com o que se diz respeito à gravidez na adolescência e DST's, principalmente a chegada do vírus mortal HIV. Conforme leituras, houve menos resistências entre as esferas familiares e escolares sobre este assunto, reconhecendo sua tamanha importância e relevância, não generalizando, ainda existe preconceitos e equívocos sobre este assunto, todavia a sua redobra é significativa desde aquela época até os dias de hoje. (COSTA & SOUZA, 2016).

Não podemos deixar de enfatizar questões como os abusos sexuais infantis, a estimativa conforme reportagem (MORI, 2018) 57% dos abusos são acometidos com crianças de 0 a 14 anos de idade. Este dado abrange os abusos infantis domésticos, ou seja, é iminente que a educação não seja totalmente a cargo familiar. Nesta pesquisa também se identificou a falta de educadores capacitados para tratar do assunto, existem ONG's e consta no MEC a ressalva sobre a Educação Sexual, como aplicá-la e a importância da mesma, contudo ainda se analisa suas lacunas, tornando a Educação Sexual um processo paliativo e tomado por adultos conservadores (MORI, 2018).

O conservadorismo de uma parte da sociedade se aproveita do desconhecimento sobre a temática tentando evitar que estas questões sejam pautas nos espaços sociais. A homologação da BNCC com a supressão de termos como “gênero” e “orientação sexual”, foi uma forma de permitir a abertura para esse tipo de postura dentro da escola. Mas através de uma leitura comprometida, é possível visualizar que a ideia de



diversidade está bem sustentada nas habilidades e competências, afirmando a necessidade de um currículo múltiplo, diverso, de respeito e alteridade.

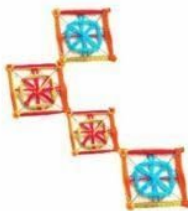
O assunto deve ser tratado por todos os professores, de forma responsável e comprometida, em todas as etapas da educação. Mas aqui em nosso trabalho dialogamos sobre o papel do professor de Biologia, uma vez que, possui as habilidades capazes de desconstruir os mitos biológicos, o cerne social corrompido pelas alienações e ficções sobre doenças, reprodução, construção, embriologia, corpo humano e microbiologia. Alicerçando os conteúdos de ciências com as demandas psicológicas, filosóficas, sociológicas, históricas, enfim, a sexualidade é interdisciplinar e pode prever os tormentos que acarretam aos problemas sociais. (BORDINI, 2012).

O projeto previa a realização das atividades presencialmente durante o primeiro semestre de 2020. Com a pandemia, foi preciso repensar nas estratégias e nas possibilidades que estavam à disposição. Assim o espaço virtual foi a forma escolhida para realizar o trabalho com segurança e distribuir de maneira democrática a informação a todos que desejam se informar. O trabalho tem como objetivo debater temas que envolvem a educação sexual, através de uma plataforma virtual que divulgue e permita o diálogo, sugerindo fontes de informações seguras para os seguidores.

METODOLOGIA

Aqui apresentamos um recorte do trabalho realizado durante o Estágio Supervisionado III, do Curso de licenciatura em Ciências Biológicas do Centro Universitário Ritter dos Reis, Porto Alegre, RS. Durante o primeiro semestre do ano de 2020, sendo obrigatoriamente de caráter presencial, neste ano devido a pandemia teve que se readaptar através de plataformas virtuais. As medidas de educação a distância são os aportes encontrados em função da covid-19, visto que, os módulos presenciais estão suspensos por tempo indeterminado.

O Estágio Supervisionado III é a atuação do biólogo em diferentes espaços chamados de “não formais” e tem por propósito, oportunizar a pesquisa em instituições não escolares. Atua como um trabalho de conclusão de curso, onde os futuros



professores podem se experimentar na produção de artigos científicos, através dos resultados de seus estágios e pesquisas em locais não escolares.

A escolha dos aparatos audiovisuais para o manejo do debate à educação sexual foi a melhor forma encontrada para poder realizar o debate sobre o assunto. A plataforma escolhida foi o Instagram, que permite uma grande interação com os seguidores, além de atingir o público jovem. Pertinentes às influências freudianas e foucaultianas, a discussão tomou uma vocação política e de reforço ao combate a cultura patriarcal. Os vídeos e templates estão recheados de informações sobre a construção e desconstrução da sexualidade, corpos, educação afetivo-sexual, discussão de gênero, cujo o recorte se dá as pautas principais, como por exemplo o racismo estrutural e as demandas de violência, abuso e exploração sexual infantil e homicídios sobre estes corpos.

Os vídeos são gravados a partir de um celular smartphone, os templates na plataforma Canva.com gratuita, bem como a edição feito por programas que disponibilizam uma pequena parcela gratuita para experimentar. Ressaltando as legendas manuais em cada vídeo são essenciais, pois, são pertinentes a educação inclusiva e facilidade no entendimento do conteúdo proposto.

O local das gravações e interações são na sede da empresa Aulalivre.net, a qual concedeu a concretização de espaço não-formal para a execução do meu estágio obrigatório e trabalho de conclusão de curso, localizada na cidade Porto Alegre, estado Rio Grande do Sul, no bairro Santo Antônio.

REFERENCIAL TEÓRICO

A sexualidade não significa diretamente e exclusivamente o ato de fazer sexo. Perante as datas comerciais, distinguimos que a ação de “carinho” é destinada ao pai, mãe e namorado(a), e as demais pessoas que nos concatenamos com o passar da vida? Até podemos dispor de sentidos de afetos por outras pessoas, como amigos, primos, vizinhos, a família pode ser criada a partir dos corações e não necessariamente o que distinguimos de pai e mãe. (MAIA, 2011).



A sexualidade é capaz de incorporar diversos conceitos que são essenciais para a obtenção de qualidade de vida. Somos seres dependentes e sociais, fugir disso traz os tormentos de uma vida adulta instável e retraída. Na sexualidade como denominador da ação de expressar-se, de performar uma identidade, personalidade e autoestima, reprimir esse processo resulta em desgaste e futuros adultos-educadores opressores das diferenças. (SEFFNER, 2011).

Neste nicho, amplia-se a amizade, vínculo fundamental para moldar as características de cada indivíduo, relação onde existe uma partilha espontânea e essencial, onde se desenvolve além do núcleo familiar o afeto, amor, carinho e brincadeiras. Brincar é um aspecto de grande relevância quando tratamos da sexualidade, brincar desempenha um papel influente no retrato do que vemos sobre o corpo e o toque. (OLIVEIRA, 2011).

Brincar é uma forma de expressão e exploração da sexualidade. Não existe intenção sexual, a proposta é a concernir o corpo e seus toques. As brincadeiras mais comuns como pega-pega, casinha, médico são propícias a essas descobertas e conversas entre as crianças, pois, como seres pensantes, fomentam suas dúvidas e passam a perguntar e questionar mais. Fazer cosquinhas, dançar, cantar, exercitar são expressões corporais e táteis que desencadeiam nos prazeres do corpo, nas trocas de olhares, são algumas expressões que despertam a liberdade individual e ao mesmo tempo coletiva das crianças. (MAIA, 2011).

As percepções corporais fazem parte de todo o nosso desenvolvimento enquanto seres humanos e são muito importantes para a nossa saúde emocional a forma como nos relacionamos com nosso corpo. Ao buscar resolver problemas emocionais de adultos Freud mostrou como nossa sexualidade é construída no período da infância e dividiu as descobertas do prazer corporal na infância em fases. Fase Oral – Os prazeres estão representados pela saciação, gratificação oral, se inicia a partir dos 0 aos 18 meses de vida, relacionados ao estágio de amamentação. Fase Ânus – A partir dos 18 meses aos 3 anos de idade, basicamente o enfoque deste prazer está relacionado ao prazer de controle sobre o esfíncter. Fase Fálica – Predomina entre os 3 aos 6 anos de idade, começa a descoberta pelos órgãos genitais, ocorre sua identificação e estimulação,



contudo não há maturação no fator psicosexual da criança. Entra a questão do complexo de Édipo e Electra e a teoria referente as meninas sentirem inveja do pênis dos meninos. Fase Latência – Parte dos 6 anos até os 11. Neste estágio ocorre um deslocamento da libido sexual desencadeando em preocupações com questões sociais e escolares. Fase Genital – Se instaura a puberdade. Nesta última fase o adolescente se depara com a retoma dos seus impulsos sexuais agora maturados, congruentes aos sentimentos e emoções (LAPLANCHE, 1988).

O corpo sente prazer, isso é um fato. As regras sociais têm a missão de entender o prazer alicerce dos sentidos respeitosos e saudáveis. Induzir uma comunicação verbal mal-intencionada como “não toque/faça/fale isso” ou dizer que a expressão da sexualidade é “feia/errada/estranha” faz a cognição revelar que a criança é feia, esquisita, suas atitudes são estranhas, erradas, pervertidas. É grave e perigoso essa condição, pois performa uma sexualidade negativa, por exemplo, uma menina que se esfrega no cobertor e faz isso porque isso lhe traz prazer próprio, se reprimida passa a relacionar o ato de gerar o prazer consigo errado e/ou estranho, assim ignorando o que a faz sentir prazer, pois relaciona a algo negativo. (MAIA, 2011).

Outro exemplo: um menino que gosta de dançar e calçar sapatos altos, se julgado e oprimido ele correlata como que a suas vontades são feias e esquisitas, logo os sentimentos negativos como vergonha tende a fazer com que deixe de reproduzir e passe a renegar uma face da sua expressão. Percebe a gravidade das atitudes inclementes? Expressões próprias vistas como “erradas” podem acarretar nas travas, nos traumas, na vergonha, na abnegação individual das vontades, ressaltando futuros ansiosos, retraídos e passivos. (MAIA, 2011).

Quando não se discorre sobre a liberdade de expressão e autoconhecimento, deixamos a porta aberta para os abusos. Crianças não maliciam, sentem o prazer e demonstram nas curiosidades e investigações, sem pretensões. No ambiente onde se busca segurança, não pode haver repressões, agressões, julgamentos e dor, o processo da sexualidade tende a ser divertido, de liberdade e orientações pela comunicação clara, capacitada e compreensiva.



Salientando que, o adulto capaz de assumir a postura de educador, está a cargo de orientar essa criança e acolher, demonstrando que entende o prazer como bom, positivo e certo, contudo que existem momentos individuais e momentos sociais. Crianças conversam entre si, absorvem os conteúdos na televisão, internet e etc. Elas vislumbram a sexualidade de forma estrambólica e equivocada, dado as suas dúvidas e curiosidades, buscam nos adultos que transpassam confiança para que possam assim sanar suas inquietudes. (MAIA, 2011).

Perante a essa comunicação, é fulcral que não haja mentiras, invenções de histórias, desconversar, tratar a criança como incapaz ou ameaçar, pois assim, projeta-se jovens inseguros, confusos, propícios aos abusos ou possíveis abusadores, podendo evoluir em pessoas agressivas justamente por não saberem lidar com a sua sexualidade, tão pouco com a do próximo. (MAIA, 2011).

Visto sobre a educação sexual infantil, pode-se extrair suas relevâncias, como promover adolescentes e por consequência adultos menos ansiosos com relação ao seu corpo - estética e encaixes nos padrões inexistentes e inalcançáveis - relações ao toque que envolva conotações sobre orientação da atração sexual e desempenho da identidade de gênero, concretizando os sentidos de sapiência e assumir a forma bruta da empatia com a sexualidade do próximo, isto é, não reproduzindo atitudes retrógradas como comportamentos de discriminação e preconceitos.

O momento de o corpo correspondente ao corpo com útero estar pronto para reprodução, ou melhor, menstruando, é um processo denso, delicado e que merece total atenção. Essa mudança carece ser entendida, quer dizer, precisamos ensinar esses indivíduos a passarem por este processo, pois, se mal trabalhada sucinta em ódio próprio, repulsa com relação às mudanças do corpo, asco pelo próprio órgão, isso tudo desencadeia num conflito com relação ao próprio corpo, podendo dificultar na busca de um novo prazer, como a masturbação, frustrações, vergonha, ocasionando uma visão negativa pessoal. (MAIA, 2011).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

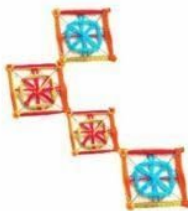


Nossa página recebeu o nome de Papo de adulto (@Webbpapodeadulto), possui no momento 162 seguidores e dez publicações. Três são vídeos com menos de dez minutos e as outras sete publicações são os templates trazendo conceitos sobre a sexualidade e sua expressão. O vídeo mais popular possui 322 visualizações, os demais atingiram uma média de mais de 100. O retorno do público está sendo crescente e positivo, pois a página foi criada em 22 de Julho de 2020.

O vídeo mais visualizado é o vídeo que trata sobre as questões sociais sobre os movimentos partidários e o tecido social, discutindo a teoria de Michel Foucault com relação ao estrato social, correlato a chegada da burguesia e os novos padrões, como a monogamia e a heteronormatividade. Com a chegada da década de 70 temos a revanche com surtos epidêmicos de doenças sexualmente transmissíveis, gravidez na adolescência e a pandêmica AIDS, provocando dessa forma um estouro no sistema público de saúde, proeminentemente estas demandas ficaram a cargo do Sistema de Saúde Pública, fazendo assim a instituição da Educação Sexual como forma de prevenir tanto as infecções sexualmente transmissíveis, quanto o número alarmante de gravidez entre menores de idade.

Acredita-se que este vídeo tenha resultado em maiores interações por conta dos esclarecimentos sobre questões histórico-culturais, bem como a explanação sobre como as medidas educativas foram tomadas ao longo das crises a partir da década de 70. Como foram medidas tomadas às pressas, se revelou uma redução de danos, visto que as orientações foram destinadas aos meios de preservativos, como por exemplo a camisinha, não sendo fornecido outros meios explicativos para que se pudesse compreender os contextos sociais, influentes, de si próprio e com o próximo.

Ter um retorno positivo é muito importante para iniciativas como a nossa de falar sobre temas tão delicados. Existe muito preconceito ainda e sabemos que páginas que atingem um alcance muito grande sobre essa temática, começam a ser atacadas para que não produzam mais materiais. Ainda vivemos numa sociedade patriarcal, muito machista, homoesbotranfóbica, racista e gordofóbica, sorofóbica que discrimina e não releva a inclusão social, a educação é a nossa única chance. Congruente aos parâmetros de educação sexual, o machismo mata e aniquila vidas de mulheres e as condena como



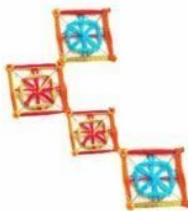
inferiores e objetos, assim como homens que performam uma sexualidade tóxica e sexista, causando contrações e depressão. Enquanto lidamos com um número veraz do feminicídio, nos debatemos com o número crescente de suicídios por homens.

Em discussão, enquanto lidamos com as pautas sociais, não podemos mais tratar o racismo como recorte, ele é e deve ser pauta principal, o feminicídio é majoritário para as mulheres negras, enquanto encaixotamos os departamentos de causas sociais como o feminismo, movimento LGBTQIAP+, coletivo contra gordofobia, deixamos de observar e considerar que enquanto os movimentos clamam por justiça, eles estão conjecturando o racismo. Existe racismo incrustado na sociedade e existe dentro dos movimentos que deveriam oferecer segurança e hombridade. A educação tem um longo caminho e ele precisa ser traçado.

A educação sexual busca uma relação saudável com nossas emoções e nosso corpo, por isso é libertária

O alcance da página ajuda a esclarecer temáticas obscuras que muitas vezes não são de conhecimento da maioria, e quando são expostas são manipuladas para fazer com que acreditemos que existe malícia no que está sendo colocado. A educação sexual na educação infantil e nos anos iniciais é essencial. Conforme as fases de Freud, os cinco sentidos e as emoções são as expressões primárias sobre a sexualidade da criança. Aos dois anos de idade ocorre o prazer esfínteriano, com quatro anos a criança desenvolve as descobertas do prazer, compreendendo seu corpo, é proeminente captar que, quando se menciona sobre o prazer infantil não remeter ao prazer que nós adultos conhecemos e imaginamos, crianças não têm dimensão ou alcance para desenvolver esse tipo de prazer. O prazer infantil tem que ser assimilado como uma descoberta, a percepção de funcionalidade de ser, a primeira moldagem da autoestima que permeia o gostar de si próprio e revelar suas qualidades. (BOROTO, 2019).

A educação sexual segue a premissa de evitar a opressão causada pela alienação e hipersexualização deste processo infantil. Plataformas virtuais têm um alcance ainda maior para poder esclarecer dúvidas e acolher jovens que passaram por situações de abuso. As crianças precisam ser respeitadas, ouvidas, que ocorra uma comunicação de acordo com sua capacidade de compreensão, tendo o discernimento que conforme seu



amadurecimento ela irá resgatar as orientações primárias sobre sua sexualidade e obterá melhor compreensão de si, melhor entendimento sobre suas atitudes, sobre seus pensamentos, sobre sua personalidade, sobre suas vontades, o que gosta e que passa a não gostar mais. (MAIA, 2011).

Se algumas escolas, pais e professores manipulam as informações da BNCC para não colocar em seus currículos a educação sexual desde o início da educação básica, podemos utilizar as plataformas virtuais para esclarecer e informar pais e cuidadores sobre o tema. Uma educação sexual opressora submete os jovens a terem baixa autoestima, traumatizados sobre os toques, pois se reprimido ao querer explorá-lo, passa a ter ligações negativas sobre o tocar do corpo, tendo a percepção de que tocar e sentir prazer próprio é errado, em detrimento disso não desenvolve o autoconhecimento, não sabe ou entende, ou pior, acha errado as sensações que gosta, não distingue o que não gosta e acaba por entregar os seus prazeres a cargo de algum parceiro(a), terceiriza suas vontades e subsiste pelos querer alheios. (MAIA, 2011).

Uma criança educada, passa a perceber os indícios de abusos, discriminando as atitudes que humilham ou causam dor, sofrimento, medo para a criança, percebendo ela tem iniciativas de dizer “não” para aquela situação, pode recorrer a algum adulto que confia para relatar as tentativas que, infelizmente, crianças sofrem e muito sobre adultos criminosos que abusam da vulnerabilidade das crianças, mas uma criança consciente e educada tem maiores chances de sair desse tipo de situação hedionda. (SPAZIANI, 2015).

Uma adulto capaz de respeitar a expressão da sexualidade infantil, tem como papel primordial de orientá-la sobre higiene, sobre brincar com crianças da mesma idade, noções do que se deve expressar em público, por exemplo, a ação de tomar banho, a criança sabe que tomar banho é importante, necessário e deve-se se fazer dentro do banheiro sozinha ou com um adulto responsável, não permitindo que outras pessoas invadam a sua privacidade. Isso facilita a formação de crianças mais conscientes e que respeitam o próximo. (SPAZIANI, 2015).

CONSIDERAÇÕES FINAIS



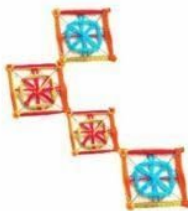
A proposta apresenta um incentivo no campo da pesquisa científica sobre um debate político que reivindique a importância da ciência como formadora de conteúdo e necessária para a sociedade. Com os óbices da pandemia e a reforma da pesquisa e rotina de aulas, se faz necessário novas implementações, tanto na oferta de conteúdo, quanto na abordagem, levando em consideração inovações nos meios didáticos e relevantes. No decorrer do trabalho avaliamos as demandas iminentes sobre o combate ao abuso sexual infantil e como a sexualidade é trabalhada na visão pós-moderna, enfrentando diversos retrocessos sócio-culturais, refletindo um histórico opressor e antidemocrático, sofrendo preconceitos de gênero, racismo estrutural e excomunicação de minorias, não revelando uma educação inclusiva, a qual se mostra em progresso, mas com dificuldades no vigor.

Qualidade de vida, reparações históricas, preconceitos e discriminação são pautas de também interesse científico, cujo o professor é a figura apropriada para o debate e orientação de crianças e adolescentes, pois é sabido seu aporte para exemplo. A violência contra crianças e adolescentes é geracional e segue na sua impunidade, precisamos falar sobre isso, discutir e articular ações educativas eficazes para que possamos caminhar em sentido democrático e justo, levando em consideração o fim do descaso com o número alarmante que cresce anos após anos, tornando massivo perante os meios midiáticos.

Portanto, este trabalho recorre a uma proposta de ensino que seja coerente com as demandas atuais, seja por conta da quarentena, como também atingir um público que possui uma intimidade com a internet, considerando assim um aliado para reformas de ensino ativo e lúdico.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Maria de Fátima Pessoa de. **Corpo e psicosexualidade: metáforas da cultura**. 2012. 256 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, 2012. Disponível:
<<http://hdl.handle.net/11449/101583>> Acesso em 30/09/2020.



BRASIL. BNCC. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF, 2018.

BERK, Amanda; ROCHA, Marcelo. O uso de recursos audiovisuais no ensino de ciências: uma análise em periódicos da área. **Revista Contexto & Educação**, v. 34, n. 107, p. 72-87, 2019.

BORDINI, Santina Célia. O LUGAR DA EDUCAÇÃO PARA A SEXUALIDADE NA DISCIPLINA DE CIÊNCIAS E SUAS RELAÇÕES COM SABER CIENTÍFICO. **Revista Contexto & Educação**, v. 27, n. 88, p. 62-76, 2012.

FORASTIERI, Valter. Orientações sexuais, evolução e genética. **Candombá–Revista Virtual**, v. 2, n. 1, p. 50-60, 2006.

BOROTO, Ivonicleia Gonçalves; SENATORE, Regina Célia Mendes. A sexualidade infantil em destaque: algumas reflexões a partir da perspectiva freudiana. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, v. 14, n. esp. 2, p. 1339-1356, 2019.

LAPLANCHE, Jean. Vocabulário da psicanálise/Laplanche e Pontalis–3ª. 1988.

MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi. Orientação sexual na escola. **Sexualidade e educação: aproximações necessárias**. São Paulo: Arte & Ciência, p. 153-179, 2004.

MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi; RIBEIRO, Paulo Rennes Marcal. Educação sexual: princípios para ação. **doxa**, v. 15, n. 1, p. 75-84, 2011.

MORI, Letícia. Levantamento revela caos no controle de denúncias de violência sexual contra crianças. 2018. Disponível
<<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-43010109>> Acesso em 30/09/2020.

OLIVEIRA, Amanda Guedes de; PASTANA, Marcela; MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi. Padrões normativos de gênero em livros infanto-juvenis sobre educação sexual. **Revista de Psicologia da UNESP**, p. 80-90, 2012.

SEFFNER, Fernando. Um bocado de sexo, pouco giz, quase nada de apagador e muitas provas: cenas escolares envolvendo questões de gênero e sexualidade. **Revista Estudos Feministas**, v. 19, n. 2, p. 561-572, 2011.

SPAZIANI, Raquel Baptista; PEREIRA, Patrícia Cristine; MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi. Memórias da Educação Sexual: relatos de educadoras sobre a infância e adolescência. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, v. 9, n. 3, p. 646-655, 2014.